

# Breve reflexão de uma anarquista sobre o filme “Depois da Chuva”

---

Thalita Quachio

**E**m primeiro lugar é preciso deixar claro que “Depois da Chuva”, de Cláudio Marques e Marília Hughes, que está em cartaz atualmente em algumas capitais do país, não é um filme anarquista: foi financiado com dinheiro estatal, as hierarquias e funções de produção não foram questionadas e, apesar de contar a história de Caio, um secundarista anarquista, e de seu grupo de amigos libertários, trata fundamentalmente da visão dos diretores sobre os limites da democracia, tanto direta quanto representativa.

A história se passa em Salvador, no ano de 1984, quando ocorre a primeira eleição indireta para presidente da república após a última ditadura. A cena inicial já deixa claro aos espectadores qual o tema que será desenvolvido: na escola onde Caio estuda há uma discussão sobre a forma como se realizarão as eleições do grêmio, até então inexistente devido a proibição de reunião de caráter político no regime militar. Alguns alunos defendem que seja acatada a proposta feita pelo diretor da escola, de que a diretoria escolha uma das três chapas mais votadas pelos docentes. Outros sustentam que a chapa mais votada pelos alunos seja eleita sem qualquer interferência da direção, pois caso contrário, não seria uma eleição legítima e representativa. Em meio ao impasse, Caio toma a palavra e brada pelo voto nulo.

A partir daí vemos os conflitos que o protagonista vivencia nos diferentes espaços em que circula. No colégio sua posição política é considerada uma

## Breve reflexão de uma anarquista sobre o filme “Depois da Chuva”

afronta à ordem, a ponto de ser suspenso simplesmente por criticar o processo eleitoral do país em uma redação, evidenciando o quão relativa é a liberdade de expressão na democracia representativa. Em casa, tem uma relação distante e fria com sua mãe, que, por um lado procura não ter um comportamento autoritário com seu filho, mas por outro não atende as suas demandas de atenção e cuidado. Tal distanciamento também se mostra, apesar das afinidades ideológicas, com seus amigos ácratas: são pouquíssimas as demonstrações de solidariedade e apoio mútuo entre eles, o que é bastante questionável dentro de um grupo que se pretende anarquista. É apenas com uma amiga de colégio que Caio consegue estabelecer um relação de confiança e afeto.

Para demonstrar o contraste entre o clima de euforia da população diante da tímida abertura política e o tom crítico do protagonista e de seus companheiros, o filme utiliza um recurso bem interessante: enquanto a “festa” da redemocratização é mostrada com imagens reais transmitidas pela grande mídia, fazendo dos personagens meros espectadores dessa “história oficial”, os ideais de ação direta e autogestão são difundidas e experimentadas por eles por meio da rádio Inimigos do Rei, que gerem em conjunto, tornando-os, assim, protagonistas da história política.

Desse modo, os diretores mostram as diferenças entre essas duas formas de governo. No entanto, com o desenrolar da narrativa, o discurso se mostra cada vez mais o da im-



### Ficha Técnica

**Nome original:** Depois da chuva

**Direção:** Cláudio Marques, Marília Hughes

**Duração:** 90 min.

**País:** Brasil

**Ano de lançamento:** 2015

possibilidade, tanto de se autogovernar (desorganização, individualismos, brigas internas), quanto de delegar o poder à outros (ambições, conchavos, corrupção). Essa visão pessimista da vida em sociedade é condensada nas cenas finais do filme, em que a desilusão leva um personagem a tomar uma atitude extrema e outro a se resignar.

Como anarquista discordo deste

desencanto do mundo e do descrédito dos autores em relação a autogestão e a democracia direta. No entanto, penso que o filme é interessante tanto por expôr a farsa da democracia representativa quanto por nos fazer refletir sobre os problemas que nos deparamos no constante processo de construção de uma sociedade libertária.

**Thalita Quachio** é militante anarquista e historiadora, apaixonada por cinema, fotografia e literatura, ganha a vida como analista de sistemas. No momento atua em dois coletivos da Grande São Paulo, Biblioteca Terra Livre e Ativismo ABC, e compõe o Grupo de Estudos de Cinema e Anarquia da Biblioteca Terra Livre – GECA, cujos encontros inspiraram grande parte das reflexões presentes no texto.